

O ensino semipresencial e os desafios para a emancipação digital na EJA

ARTIGO

Patrícia Flávia dos Santos Cau¹

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil

1

Resumo

A integração de tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos (EJA) é permeada por desafios, sobretudo relacionados à baixa familiaridade dos estudantes com essas ferramentas. Este artigo apresenta os resultados de um projeto desenvolvido em uma escola pública estadual do Espírito Santo, que utiliza a metodologia semipresencial. Foram promovidas ações pedagógicas, como oficinas de capacitação para docentes e estudantes, além de estratégias práticas de letramento digital. O principal objetivo foi viabilizar o acesso equitativo às tecnologias digitais, reconhecendo-as como instrumentos indispensáveis para o desenvolvimento acadêmico, social e profissional dos estudantes. A análise dos resultados evidencia que, apesar das barreiras iniciais, intervenções pedagógicas planejadas e suporte institucional podem fomentar a inclusão tecnológica e contribuir para a emancipação digital no contexto da EJA.

Palavras-chave: Ensino Semipresencial. Emancipação Digital. EJA. Inclusão Digital.

Semi-presential teaching and the challenges for digital empowerment in Adult and Youth Education (EJA)

Abstract

The integration of digital technologies into Adult and Youth Education (EJA) faces numerous challenges, particularly regarding students' familiarity with these tools. This article presents the outcomes of a project implemented in a public state school in Espírito Santo, Brazil, adopting a blended learning methodology. Pedagogical actions, including training workshops for teachers and students and practical digital literacy strategies, were developed. The primary goal was to ensure equitable access to digital technologies, recognizing their role as essential tools for students' academic, social, and professional development. The findings suggest that, despite initial difficulties, well-structured pedagogical interventions and institutional support can promote digital inclusion and foster digital emancipation in the EJA context.

Keywords: Blended Learning. Digital Empowerment. Youth and Adult Education. Digital Inclusion.

1 Introdução



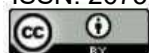
O avanço das tecnologias digitais tem provocado transformações significativas no cenário educacional contemporâneo, impondo desafios complexos tanto para educadores quanto para aprendizes. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), esses desafios são ampliados, dado que os sujeitos dessa modalidade, frequentemente excluídos da educação formal em etapas anteriores de suas vidas, enfrentam a necessidade de superar obstáculos tecnológicos que comprometem seu acesso ao conhecimento e a sua inserção no mercado de trabalho.

A educação semipresencial surge como uma alternativa ao proporcionar flexibilidade e acessibilidade a estudantes que precisam conciliar múltiplas responsabilidades, como trabalho, família e educação. Neste modelo, articula-se o ensino presencial e virtual, aproveitando as potencialidades das ferramentas digitais para enriquecer o processo pedagógico e oferecer uma formação mais abrangente e alinhada às necessidades específicas desse público.

Este artigo aborda a inclusão digital no contexto da EJA, que, embora utilize plataformas digitais de aprendizagem¹ e recursos interativos, – diversificando possibilidades de estudo – persiste com a baixa familiaridade de muitos estudantes com as ferramentas tecnológicas. Essa condição revela uma contradição presente em muitas iniciativas educacionais que incorporam a tecnologia: enquanto a escola implementa metodologias semipresenciais apoiadas em plataformas virtuais, muitos estudantes enfrentam dificuldades práticas no seu acesso.

Esse cenário evidencia uma desconexão entre a proposta pedagógica e as competências iniciais dos estudantes, agravando desigualdades educacionais e sociais. A carência de conhecimentos em tecnologia compromete não apenas o uso eficaz dos recursos disponíveis, mas também limita o desenvolvimento de competências essenciais, como pensamento crítico, resolução de problemas e colaboração.

¹ A Plataforma de Aprendizagem contém conteúdo e atividades digitais multimídia para auxiliar na aprendizagem dos estudantes em todas as disciplinas, além de ferramenta de comunicação para esclarecer dúvidas com o professor.





De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos (DCEJA, 2024), o acesso às tecnologias digitais deve ser reconhecido como um direito fundamental e uma ferramenta essencial para a formação integral dos estudantes. Papert (1993) argumenta que o papel do computador na educação transcende a função de transmissão de conhecimento, atuando como um mediador que transforma a maneira como aprendemos e nos relacionamos com o saber. Nesse sentido, a capacitação de docentes e estudantes, associada à disponibilização de infraestrutura adequada, é um requisito imprescindível para o êxito de qualquer proposta de inclusão digital.

Concordamos que, para alcançar uma educação mais inclusiva, é imperativo assegurar acesso equitativo a dispositivos tecnológicos, conectividade e capacitação digital. Sem esses recursos, os estudantes da EJA permanecem à margem da sociedade digital contemporânea, o que lhes impõe desafios ainda mais significativos para romper o ciclo de exclusão educacional e social.

Ao longo deste estudo, destacamos que a integração das tecnologias digitais na EJA pode promover maior autonomia, engajamento e o desenvolvimento de habilidades essenciais para a vida no mundo moderno. Assim, buscamos contribuir com reflexões sobre como superar os desafios derivados da desigualdade no acesso e potencializar os benefícios das tecnologias no processo educativo de jovens e adultos.

2 Metodologia

Este estudo parte da identificação de uma fragilidade específica: a falta de uso e/ou familiaridade dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) com recursos tecnológicos digitais. Com base nessa constatação, buscou-se, por meio de intervenções pedagógicas, estreitar o vínculo entre os estudantes e as tecnologias disponíveis, promovendo uma integração mais efetiva no processo de aprendizagem.

O trabalho foi desenvolvido em uma escola pública estadual que oferece a EJA em duas etapas da educação básica: ensino fundamental e ensino médio. O projeto envolveu aproximadamente 800 estudantes, com idades variando entre 15 e 60 anos.





A metodologia adotada combinou abordagens presencial e virtual, alinhadas à oferta semipresencial da escola, e incluiu ações práticas de inclusão digital. Entre essas ações, destacam-se oficinas de capacitação direcionadas a docentes e discentes, complementadas por observação sistemática, registros em campo e análise detalhada dos dados coletados. Essa combinação de estratégias permitiu mapear as principais dificuldades no uso de tecnologias digitais e desenvolver intervenções voltadas à superação desses desafios.

A coleta de dados foi realizada por meio de relatórios gerados no Sistema de Controle Acadêmico da escola, complementados por observações e registros feitos pelos professores e equipe pedagógica. A análise dos dados focou em medir o nível de envolvimento dos estudantes com a plataforma digital de aprendizagem (PVA) e as ferramentas tecnológicas disponibilizadas, comparando os resultados obtidos antes e depois da implementação do projeto.

As informações apresentadas na tabela 1 referem-se ao período de 5 de fevereiro, início do ano letivo de 2024, até 15 de maio. A tabela destaca quatro unidades escolares da rede estadual que compartilham a mesma dinâmica de ensino e modalidade. Para preservar a confidencialidade das instituições, as unidades foram identificadas por números, sendo a unidade 04 a escola foco desta pesquisa.

Essa apresentação visa evidenciar a fragilidade observada no uso das tecnologias digitais, com base em indicadores de resultados do Sistema de Controle Acadêmico da rede estadual para os CEEJAs². Os dados revelam que a unidade escolar 03 teve o maior número de interações, com 6.979 atendimentos virtuais, seguida pela unidade 02, com 1.915 atendimentos. Em contraste, a unidade 04 registrou apenas 25 interações, e uma outra unidade apresentou um percentual ainda menor, refletindo os desafios enfrentados pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em relação ao uso de tecnologias digitais.

² Os CEEJAs são unidades escolares da rede escolar pública estadual, com funcionamento em prédios próprios criados pelo Poder Executivo e com aprovação pelo Conselho Estadual de Educação - CEE/ES.

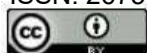


Tabela 1 – Relatório de Atendimentos por Unidade

Relatório de Atendimentos por Unidade Data Inicial: 05/02/2024 Data Final: 15/05/2024	
Unidade Local	Atendimento Virtual
UNIDADE 03	6979
UNIDADE 02	1915
UNIDADE 04	25
UNIDADE 01	5

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses dados indicam que a ferramenta virtual foi subutilizada tanto pelos estudantes quanto pela equipe docente. Identificado a problemática nos resultados referentes ao item "Atendimento Virtual", alinhamos com a equipe escolar e estabelecemos quatro objetivos específicos: sensibilizar e capacitar os profissionais da escola para o uso da plataforma *online* de aprendizagem; garantir o acesso equitativo a dispositivos por meio do atendimento no Laboratório de Informática Educativa (LIED) e do acesso à internet Wi-Fi para todos os estudantes; criar um ambiente de aprendizagem acolhedor e encorajador que favoreça a exploração das ferramentas digitais; promover atividades práticas e lúdicas que estimulem a participação dos estudantes com as tecnologias.

Esses objetivos específicos foram divididos em cinco momentos práticos: análise dos resultados retirados do Sistema de Controle Acadêmico; sensibilização e oficina de capacitação com os profissionais da escola; viabilização de computadores e internet para os estudantes; atividades para os estudantes envolvendo o uso de tecnologias digitais (uso do LIED, alfabetização digital, gincana virtual na Plataforma de Aprendizagem, elaboração de QR Codes) e avaliação dos resultados.

A escola passou a disponibilizar internet Wi-Fi para todos os estudantes. Os professores elaboraram uma escala de revezamento no Laboratório de Inclusão e Educação Digital (LIED), realizando tutoriais aos estudantes durante o horário de planejamento para que eles pudessem utilizar os computadores.

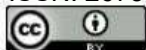


Para os estudantes que nunca haviam manuseado um computador, foram planejadas atividades diferenciadas que atendem às suas especificidades e necessidades, com o intuito de promover a alfabetização digital. Tais atividades visaram proporcionar uma introdução ao universo digital de forma acessível e significativa. A primeira etapa desse processo aconteceu no LIED, onde os alunos realizaram duas ações fundamentais: a primeira foi a interação com e o uso da ferramenta tecnológica. Para muitos estudantes, o momento foi especialmente marcante, uma vez que nunca haviam ligado ou utilizado um computador. Esse encontro com a tecnologia revelou-se um momento de descoberta, no qual os estudantes puderam se reconhecer como agentes transformadores da realidade, antes percebida como algo distante e misterioso, mas agora entendida como uma área de ação potencial por meio do trabalho criador (Freire, 1987, p. 109).

A segunda etapa consistiu em atividades mais avançadas, como o uso de ferramentas de pesquisa *online*, a prática de digitação no Word e o aprendizado de navegação em sistemas de *e-mail* e aplicativos de mensagens. Ao serem introduzidos ao uso de motores de busca, os estudantes puderam explorar formas autônomas e críticas de pesquisa. O exercício da digitação no Word não só contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de escrita, mas também para o aprimoramento de sua capacidade de expressão escrita digital. Além disso, os estudantes foram capacitados a criar e organizar suas próprias mensagens por meio do *e-mail* e a se comunicar de maneira eficaz através de plataformas digitais, o que ampliou suas competências digitais e a compreensão de sua relevância no cotidiano.

De forma complementar, as atividades exploraram outras funcionalidades do computador, como o uso de planilhas para organização de informações e gráficos, e o acesso a programas e aplicativos voltados para o desenvolvimento de habilidades administrativas e acadêmicas. O domínio dessas ferramentas aumentou a capacidade de organização e análise dos estudantes, preparando-os para lidar com o crescente impacto da tecnologia na vida profissional e social.

A alfabetização digital constitui o passo inicial para a emancipação no mundo tecnológico. Este conceito abrange não somente o domínio de dispositivos e *softwares*,





mas também a capacidade de navegar criticamente nos espaços digitais, compreendendo seu funcionamento e ampliando o uso das ferramentas disponíveis. Papert (1993) defende que as tecnologias, e em particular o computador, têm o potencial de transformar o aprendizado, possibilitando uma relação mais ativa e significativa com o saber.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), a alfabetização digital adquire uma dimensão fundamental, pois muitos desses estudantes foram historicamente excluídos dos processos de letramento digital. Esse processo de inserção digital, portanto, não apenas promove a inclusão tecnológica, mas também serve como um veículo de emancipação no cenário educacional contemporâneo.

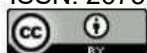
Para facilitar o acesso à plataforma, foram elaborados cartões com *QR Code* contendo o endereço do *site*, que foram entregues durante os atendimentos.

Sensibilizar os profissionais quanto ao uso de tecnologia foi uma estratégia fundamental, que transformou positivamente a prática pedagógica da escola. A partir dessa ação, a escola conseguiu mobilizar os esforços necessários para integrar a tecnologia ao ensino, proporcionando aos estudantes uma maior possibilidade de envolvimento e participação no uso de tecnologias digitais. Foram realizados dois momentos de oficinas práticas com os professores.

Em um desses momentos, o professor de Matemática apresentou aos colegas uma proposta mais dinâmica e simples de comunicação. A sugestão foi anexada à página principal do *site* para que todos os estudantes pudessem acessar com facilidade. Em sequência, apresentou-se uma ilustração da plataforma com esse modelo. O propósito da ferramenta é possibilitar que o estudante, ao clicar na imagem, fale diretamente com o professor com quem deseja interagir.

Foram planejadas atividades envolvendo uma Gincana Virtual com atribuição de pontuação extra na Plataforma Virtual de Aprendizagem, uma forma de motivar e promover a participação dos estudantes em atividades virtuais.

A participação dos estudantes trouxe resultados expressivos, evidenciados pela superação das dificuldades iniciais e pelo engajamento em atividades desafiadoras, como





o uso de ferramentas digitais, que eram novas para muitos deles. Esse avanço superou nossas expectativas, motivo pelo qual a atividade foi prorrogada por mais um mês.

De acordo com o DCEJA (2024, p. 19),

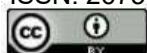
As identidades dos sujeitos que constituem a EJA do território capixaba são múltiplas, mas parece haver, entre parte considerável, a necessidade do retorno à escolarização pelas demandas do mundo do trabalho. Há que se considerar que estamos nos referindo a sujeitos de direito, vivendo suas singularidades em tempos históricos, relacionando-se com outros sujeitos e outras histórias, trajetórias e existências. (DCEJA, 2024, p.19)

O desafio, portanto, é promover uma educação que possibilite a esses sujeitos o acesso igualitário às tecnologias, diminuindo as barreiras sociais e econômicas que os separam do ambiente digital. Isso requer políticas educacionais que garantam a infraestrutura necessária, além de práticas pedagógicas voltadas à inclusão.

3 Discussão

A integração de tecnologias digitais no campo educacional tem gerado debates profundos sobre sua potencialidade emancipatória. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa discussão ganha relevância devido à exclusão digital e às dificuldades de acesso a ferramentas tecnológicas. Os conceitos de emancipação digital, alfabetização digital e educação semipresencial se entrelaçam ao enfrentar esses desafios, oferecendo caminhos para que os sujeitos possam participar ativamente da sociedade contemporânea.

Para Santos; Oliveira (2020), o letramento digital transcende a simples aquisição de habilidades técnicas. Ele se torna um processo pelo qual o indivíduo adquire consciência crítica sobre o uso das tecnologias e, dessa forma, emancipa-se. Esse processo é especialmente crucial na EJA, onde muitos estudantes tiveram pouco ou nenhum contato com ferramentas digitais. A educação semipresencial, com o uso de plataformas digitais, oferece um espaço para que essa emancipação aconteça, desde que





acompanhada de práticas pedagógicas que promovam a criticidade e o uso consciente dessas tecnologias.

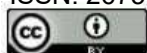
Nesse sentido, a emancipação digital não deve ser vista apenas como uma ferramenta de inclusão tecnológica, mas como um meio de transformação social. Ao permitir que os estudantes da EJA se apropriem das tecnologias, as instituições educacionais ajudam a reduzir as desigualdades sociais e econômicas que muitas vezes impedem o pleno exercício da cidadania.

Brasil; Souza (2018) reforçam que o papel da educação digital é um caminho para a emancipação. No contexto da educação semipresencial, os estudantes são desafiados a se tornarem protagonistas de seu próprio aprendizado. A autonomia no uso das tecnologias, discutida em estudos sobre emancipação digital, mostra-se fundamental para que esses alunos possam navegar e aprender em um ambiente digital que é, ao mesmo tempo, facilitador e transformador.

Dessa forma, a tecnologia deixa de ser apenas uma ferramenta de ensino e passa a ser um meio de transformação social, permitindo que os estudantes da EJA se tornem protagonistas de suas trajetórias de aprendizado e participantes ativos de uma sociedade digital.

No entanto, a integração de tecnologias digitais na EJA também enfrenta desafios e críticas. Um dos principais problemas apontados está relacionado à desigualdade estrutural e ao acesso insuficiente a equipamentos tecnológicos e internet de qualidade, especialmente em regiões mais afastadas ou economicamente desfavorecidas. Esses fatores limitam a efetividade das propostas de educação digital e semipresencial.

Adicionalmente, críticos argumentam que o excesso de foco no uso de tecnologias pode desviar a atenção de outros aspectos fundamentais da educação, como o desenvolvimento de competências socioemocionais e práticas pedagógicas que considerem os contextos locais dos estudantes. Segundo Pereira; Silva (2019), há o risco de uma inclusão digital superficial, em que os indivíduos são introduzidos às tecnologias sem que haja uma real compreensão crítica sobre suas aplicações e implicações na sociedade.





Outro ponto levantado é o papel do professor nesse processo. Nem todos os educadores estão suficientemente preparados para integrar as tecnologias de forma eficiente no ensino, e a falta de formação específica pode resultar na implementação de práticas pedagógicas pouco eficazes ou mecânicas.

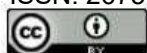
Por fim, questiona-se até que ponto a dependência das ferramentas digitais pode contribuir para a exclusão daqueles que já enfrentam dificuldades de acesso, perpetuando desigualdades sociais.

4 Resultados

Poderíamos supor que todos os estudantes já estão familiarizados com as tecnologias digitais, no entanto, a realidade, por vezes, demonstra que muitos ainda enfrentam dificuldades para acessar e utilizar essas ferramentas de maneira eficaz. Reconhecer essa fragilidade é o primeiro passo para superá-la e garantir a inclusão digital e o desenvolvimento cognitivo, principalmente, dos estudantes da EJA.

Os dados da pesquisa revelaram um baixo índice inicial de adesão dos estudantes à plataforma virtual de aprendizagem e uso de tecnologias digitais. A análise sugere que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, em sua maioria trabalhadores e chefes de família, estão diretamente relacionadas à falta de familiaridade com o ambiente digital. A percepção de incapacidade de lidar com as tecnologias digitais, conforme discutido por Freire (1987), pode atuar como um obstáculo significativo à inclusão digital. “O medo da liberdade, que pode levar os oprimidos a fugir dela, é ambíguo: ao mesmo tempo em que a temem, a buscam.” (Freire, 1987).

Muitos estudantes da EJA, ao se depararem com tecnologias digitais, internalizam um sentimento de incapacidade que precisa ser superado para garantir a inclusão e o desenvolvimento cognitivo. Conscientes da problemática, a equipe pedagógica desenvolveu estratégias de acolhimento e acesso, com o objetivo principal de integrar a tecnologia digital às práticas pedagógicas da Educação de Jovens e Adultos. Essa abordagem visa potencializar os resultados educacionais, assegurando que todos os





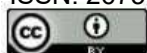
estudantes tenham igualdade de oportunidades para aprender e se desenvolver em um mundo cada vez mais tecnológico.

As fragilidades identificadas incluíram a pouca familiaridade dos estudantes com as tecnologias digitais e a falta de afinidade de alguns profissionais com a metodologia semipresencial da Plataforma Virtual de Aprendizagem. Paulo Freire (1987) destaca que os discursos que desvalorizam os sujeitos podem levá-los a internalizar a ideia de sua própria “incapacidade.” Essa percepção limitante não apenas oculta seu verdadeiro potencial, mas também impede sua capacidade de transformação e emancipação. Sem o incentivo adequado para explorar e utilizar as ferramentas digitais disponíveis, educadores e estudantes podem chegar a acreditar que não possuem as habilidades necessárias para acompanhar as inovações, perpetuando, assim, a exclusão tecnológica.

Os resultados indicam uma melhoria significativa no número de interações com a Plataforma Virtual de Aprendizagem (PVA) após a implementação das ações propostas, passando de 25 para 825 atendimentos registrados em um período de três meses. Este aumento reflete não apenas o avanço no uso da tecnologia, mas também a importância de um ambiente de aprendizado acolhedor e de incentivo contínuo à participação dos estudantes.

O sucesso das iniciativas implementadas evidencia que a inclusão digital na EJA vai além do simples acesso às tecnologias; ela envolve uma transformação cultural e pedagógica que requer a conscientização de estudantes e professores sobre o potencial emancipatório das ferramentas digitais. Segundo Papert (1993, p. 07), "o computador não é apenas uma ferramenta para transmitir conhecimento, mas uma máquina que transforma a maneira como as pessoas aprendem e se relacionam com o conhecimento."

Ao integrar as tecnologias de forma crítica e orientada, a escola pode não apenas reduzir a exclusão digital, mas também promover o desenvolvimento cognitivo e a autonomia dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios de uma sociedade cada vez mais tecnológica. Esse é o momento em que Freire (1987) aponta que os sujeitos passam a se ver como agentes ativos da realidade. Antes imersos em uma visão opressiva





e frequentemente incompreensível, agora, ao tomar consciência de sua situação, eles se tornam sujeitos ativos, capazes de intervir no mundo para transformá-lo.

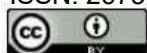
E esse processo de inclusão, só será pleno quando tanto os professores quanto os estudantes se perceberem capazes de transformar sua realidade, utilizando as tecnologias como instrumentos de emancipação e mudança social.

5 Considerações finais

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) desempenha um papel crucial na formação e inclusão dos sujeitos que, por diversas razões, não puderam concluir a educação básica em sua “faixa etária apropriada”. Nesse contexto, a metodologia semipresencial emerge como uma abordagem que pode promover a inclusão digital, permitindo que esses estudantes superem as barreiras impostas pela falta de familiaridade com as tecnologias. Ao integrar a tecnologia digital de forma consciente e pedagogicamente orientada, a EJA busca não apenas melhorar o aprendizado, mas também garantir que todos os alunos tenham acesso igualitário às oportunidades educacionais, preparando-os para interagir de maneira crítica e eficaz em um mundo cada vez mais conectado e digitalizado.

A prática ocorreu na própria escola, com estratégias planejadas coletivamente, envolvendo sempre a equipe pedagógica, a gestão e os professores. O objetivo principal foi integrar a tecnologia digital de forma consciente e pedagogicamente orientada, buscando potencializar os resultados educacionais e garantindo que os estudantes tenham igualdade de oportunidades para aprender e se desenvolver em um mundo cada vez mais tecnológico.

Para alcançar esse objetivo, percebemos que seria necessário sensibilizar os profissionais e promover momentos de capacitação, especialmente para os novos colaboradores. Um dos principais desafios foi mobilizar tanto os profissionais da escola quanto os estudantes, quebrando o estigma de que os estudantes da EJA não conseguem desenvolver habilidades tecnológicas.



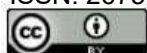


Durante esse período, buscamos estratégias para superar as fragilidades identificadas, como oficinas de capacitação para os professores, momentos de alfabetização digital no LIED para os estudantes, atividades práticas e lúdicas para familiarizar os estudantes com as tecnologias, acesso equitativo a dispositivos e internet, e um ambiente de aprendizagem acolhedor e encorajador para a exploração das ferramentas digitais. Essas ações continuarão a fazer parte do cotidiano da escola, consolidando e avançando na superação dos desafios.

Sabemos que pessoas que não utilizam tecnologias digitais podem enfrentar uma série de obstáculos, especialmente no contexto educacional e no mercado de trabalho atual, onde a tecnologia desempenha um papel fundamental. Os resultados dessa prática mostram que, com o apoio adequado e respeitando as necessidades dos estudantes da EJA, eles podem gradualmente adquirir confiança e habilidades para o uso das tecnologias digitais. Por fim, acreditamos que a inclusão tecnológica deve ser pensada além da necessidade da escola, mas sim como uma ferramenta essencial para capacitar os estudantes da EJA, proporcionando-lhes oportunidades valiosas tanto na educação quanto na vida profissional.

Quando os estudantes usam a tecnologia para criar e explorar, eles estão se apropriando de uma nova forma de conhecimento, que não só os torna mais competentes tecnicamente, mas também mais autônomos e capazes de interagir criticamente com o mundo ao seu redor. (Papert, 1993, p. 74).

Como discutido ao longo deste artigo, a educação semipresencial apresenta-se como uma ferramenta importante para a inclusão digital dos estudantes da EJA, mas seu sucesso depende diretamente da alfabetização digital e da promoção da emancipação tecnológica. A transformação social só será possível quando esses estudantes forem capazes de utilizar as tecnologias como instrumentos de mudança, conforme propõe Papert (1993) ao destacar o potencial do computador como mediador do conhecimento. A prática pedagógica discutida neste artigo reforça a importância de políticas educacionais que contemplem a formação tecnológica dos estudantes e docentes, bem como a





necessidade de recursos adequados para garantir a inclusão de todos os sujeitos no processo de aprendizagem digital. A continuidade deste projeto se mostra essencial para consolidar as conquistas obtidas e avançar em direção a uma educação mais inclusiva e igualitária.

14

6 Referências

ALVES, S. M. C.; CHAVES, R. M. Educação, mídia e cultura digital na educação de jovens e adultos. **Revista Horizontes**, Bragança Paulista, v. 35, n. 2, p. 56-74, 2017. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/>. Acesso em: 25 set. 2024.

BRASIL, G. M.; SOUZA, R. P. Emancipação digital na educação de jovens e adultos (EJA). **Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)**, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/>. Acesso em: 25 ago. 2024.

ESPÍRITO SANTO. **Diretrizes curriculares da educação de jovens e adultos**. Vitória: Sedu, 2024.

ESPÍRITO SANTO. **Portaria Sedu nº 183-R de 25 de agosto de 2023**. Vitória: Sedu, 2023.

ESPÍRITO SANTO. **Sistema de controle acadêmico**. Vitória: Sedu, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PAPERT, Seymour. **The children's machine: rethinking school in the age of the computer**. New York: Basic Books, 1993.

PEREIRA, L. M.; SILVA, A. R. **Da inclusão à emancipação digital: um estudo na educação de jovens e adultos**. Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, 2019. Disponível em: <https://www2.ufpel.edu.br/>. Acesso em: 20 set. 2024.

SANTOS, J. C.; OLIVEIRA, M. F. Letramento digital na perspectiva emancipatória e cidadã: práticas pedagógicas gamificadas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, p. 1-20, 2020. Disponível em: <https://educa.fcc.org.br/>. Acesso em: 02 set. 2024.





ⁱ **Patrícia Flávia dos Santos Cau**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3483-6319>

Universidade Federal do Espírito Santo

Professora de Artes da Rede Estadual de Educação do Estado do Espírito Santo. Atualmente é Coordenador Pedagógico do CEEJA. Mestre em Ensino na Educação Básica pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES. Graduação em Artes Visuais pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES.

Contribuição de autoria: Escrita do texto.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0481001185371504>

E-mail: patriciaflaviacau@gmail.com

Editora responsável: Genifer Andrade

Especialista *ad hoc*: Marcos Vinicius Reis Fernandes, Helga Porto Miranda e Maria Luiza Canedo.

Como citar este artigo (ABNT):

CAU, Patrícia Flávia dos Santos. O ensino semipresencial e os desafios para a emancipação digital na EJA. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 7, e14135, 2025. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14135>

Recebido em 03 de outubro de 2024.

Aceito em 03 de janeiro de 2025.

Publicado em 08 de março de 2025.

